

Ariosto Teixeira

À espera da Argentina

O presidente Fernando Henrique Cardoso tem razão quando diz, como fez ontem, que o Banco Central tem instrumentos para manter a política econômica. Será atribuição praticamente exclusiva do BC, de fato, produzir as medidas inevitáveis na hipótese de uma moratória argentina.

Lua – A dependência gerencial do setor político, porém, não deixou de existir. O governo certamente precisará que o Congresso lhe dê meios para cortar despesas e aparentemente não encontrará dificuldades. A questão que inquieta os mercados com a crise parlamentar é identificar seu limite diante de um *default* (reestruturação da dívida) da Argentina. Os políticos aprovaram com presteza os instrumentos fiscais que Fernando Henrique necessitar, mesmo que para isso se torne necessário cortar gastos na área social?

No que se refere ao BC, a receita é mais ou menos conhecida. Diante de eventual *default* do vizinho, ele tenderá a atuar em duas frentes: na cambial, dando proteção aos agentes com papéis corrigidos pelo dó-

lar, e na monetária, elevando os juros. Ninguém espera uma pancada como a de 1999, que “mandou os juros à Lua” (45%), mas algo forte, acima dos atuais juros futuros, que giram em torno de 22%. Um viés de baixa poderá sinalizar que desse nível a taxa Selic não passará, reduzindo expectativas de nova alta. A existência

dessa fórmula, para usar no calor da crise, explica a aparente timidez atual do BC no câmbio.

Apesar do assombro causado pelos últimos acontecimentos políticos, o governo não está num mau momento. O presidente depende pouco do Congresso



O presidente do BC, Armínio Fraga: pronto para atuar

para concluir bem o seu mandato e até mesmo para eleger o seu sucessor. Além disso, a crise moral que paralisa o Senado deslocou o conflito exclusivamente para a arena parlamentar. Não há nessa área, portanto, espaço para resistência a medidas emergenciais, que venham a ser percebidas como de alto interesse nacional. Mesmo que representem cortes orçamentários. Os atores que poderiam criar dificuldades estão em segundo plano na cena. ACM, sem poder, luta para não perder o mandato, e seu sucessor, Jader Barbalho, para não ser incriminado em uma das muitas denúncias contra ele existentes.

* * *

Violência desafia governadores

O governador de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos (PMDB), andava angustiado com a constatação de que estava perdendo a guerra contra a violência. Apesar de ter investido R\$ 70 milhões em segurança, os índices de criminalidade não diminuam. Jarbas decidiu, então, mudar de estratégia. Escolheu dois procuradores do Ministério Público para o comando da Secretaria da

Defesa Social. Criou uma corregedoria para apurar crimes de policiais e instalou o Conselho de Defesa do Cidadão, para fiscalizar e propor uma política de segurança. Vários comandantes da PM foram afastados e foi preciso conter uma rebelião de coronéis. O fato é que a violência crescente põe em xeque vários governos estaduais e será tema dominante nas sucessões de 2002.

* * *

A faixa do ministro

O ministro da Educação, Paulo Renato Souza, tomou um susto na viagem que fez a Vitória. Recebido pelo governador José Inácio, já no aeroporto percebeu *outdoors* nos quais aparecia, ao lado do governador, portando uma faixa com as cores da bandeira do Estado. “Vai pegar mal”, pensou. Aquilo parecia propaganda de candidato à Presidência. A faixa era da Ordem do Espírito Santo, que recebera meses antes. Já as mensagens nos cartazes eram do tipo “ministro da gente” e “oportunidade para todos”.

Valores astronômicos

Empresários franceses que construíram o metrô de Sidney e estão interessados na linha do Rio que vai atravessar a Baía de Guanabara ficaram surpresos com os valores das obras efetuadas no Brasil. O quilômetro do metrô brasileiro custou cinco vezes mais que o da Austrália, da Suécia ou da Espanha. “Com a Lei de Responsabilidade Fiscal, acabam as obras sem garantia de recursos e os preços fabulosos. Ganha a empresa que pedir menos dinheiro público”, comenta o deputado Ronaldo Cezar Coelho (PSDB-RJ).

* * *

JOGO RÁPIDO

■ A crise moral do Senado inundou Brasília de boatos ontem. O mais apimentado deles dizia que o presidente Fernando Henrique Cardoso soube desde o primeiro dia da violação do painel de votação do Senado e essa havia sido uma prática comum do primeiro mandato.

■ Fontes do governo interpretaram a boataria como uma tentativa dos diretamente envolvidos na fraude, os senadores Antonio Carlos Magalhães e José Roberto Arruda, de salvar seus mandatos envolvendo o Planalto na crise.

■ Itamar Franco fará hoje a clássica festa da Inconfidência Mineira, em Ouro Preto. Seus convidados de honra serão Leonel Brizola e Ciro Gomes. Lula e o presidente do PT, José Dirceu, não foram convidados.

■ O Palácio do Planalto vai comemorar os 41 anos de Brasília abrindo as portas ao público. O programa inclui concerto do Madrigal de Brasília, apresentação da banda dos Dragões da Independência e mostra sobre a “Missão Cruls”, que no século 19 demarcou a área onde Juscelino Kubitschek construiria Brasília, no século seguinte.

Colaborou: Luciana Nunes Leal